

Apresentação

1º de Maio...

Em 1891, em Paris, trabalhadores socialistas dos países industrializados da época, reunidos num congresso da Internacional Socialista, consagraram esta data como **o dia da luta pelas 8 horas de trabalho.**

Naquele tempo os operários viviam numa grande miséria. Trabalhavam 12, 15 e até 18 horas por dia. Não havia descanso semanal nem férias. Para o mundo do trabalho não existiam leis.

A filosofia liberal da época não admitia que se fizessem leis para os trabalhadores. Vigorava a lei do patrão. A lei do cão.

A diminuição de turnos de trabalho foi a primeira reivindicação da classe. Exigia-se não morrer de tanto trabalhar. Outra exigência era a de não morrer de fome. Ou seja, ter um salário que permitisse viver. Muitas greves foram realizadas no século XIX. Os patrões respondiam com mortes, prisões e perseguições dos lutadores operários.

Tudo o que os trabalhadores conquistaram foi fruto desta luta da classe. Através dela foram conquistadas a jornada de 8 horas, as férias, o descanso aos domingos, a previdência social, a indenização por acidente, a aposentadoria, tudo, enfim.

Hoje, no começo do século XXI, a classe trabalhadora do mundo todo, em sua maioria, está perdendo o que conquistou em 200 anos de lutas.

Nos últimos anos, vemos o aumento do horário de trabalho em países como França, Alemanha, Itália e muitos outros. É a mesma ofensiva dos patrões no mundo inteiro. É a mesma política aplicada em qualquer país que se dobra às ordens do grande capital mundial, coordenada pelo Fundo Monetário Internacional, o FMI.

No Brasil, os empresários exigem mudanças nas leis trabalhistas para flexibilizar todos os direitos. Querem diminuir o que eles chamam de custo do trabalho. Na verdade, eles querem aumentar seus lucros nas costas dos trabalhadores. Para isso, inventam novas palavrinhas inocentes como *flexibilização, reforma* ou expressões como *desengessar a economia, diminuir o Custo Brasil*, para aplicar seu plano de retirar o que a classe trabalhadora conquistou em 200 anos de luta.

As 8 horas estão entre as grandes conquistas dos trabalhadores. E é especialmente contra a jornada de 8 horas que os patrões apontam suas armas. Daí a importância do 1º de Maio DE LUTA. Precisamos reafirmar a luta em defesa dos nossos direitos, como as 8 horas. E lutar contra a retirada de qualquer direito conquistado com duzentos anos de luta... no mundo e no Brasil.

Conhecer a verdadeira história da nossa classe nos ajuda a entender o presente. Assim vamos nos preparar melhor para construirmos um futuro diferente, sem a exploração e a opressão às quais somos submetidos.

Redução da jornada: uma luta que veio de longe

Em 1864, 141 anos atrás, em Londres, aconteceu a primeira reunião internacional organizada por trabalhadores. Eles vinham dos países industrializados da Europa: Inglaterra, França, Bélgica, Suíça... Eram poucos ainda. Mas era o começo da sua organização.

A idéia geral que os unificava era a luta por uma sociedade justa e livre. O socialismo era a idéia central de todos.

Neste encontro foi decidido que a luta principal a ser travada pelos operários dos vários países seria a redução e

fixação da jornada de trabalho. Não foi definido o número exato de horas, pois havia realidades diferentes em cada país.

Outra decisão foi fundar uma Associação Internacional dos Trabalhadores, conhecida pela sigla AIT. Todos a chamavam de "A Internacional".

Em 1866, dois anos depois, a AIT realiza um encontro na Suíça. Nesta conferência, os operários da Internacional decidiram que o horário de trabalho máximo deveria ser de 8 horas por dia.

A declaração final de 1866:

"Declaramos que a limitação da jornada de trabalho é a condição prévia, sem a qual todas as demais aspirações de emancipação sofrerão inevitavelmente um fracasso. Propomos que a jornada de 8 horas seja reconhecida como o limite da jornada de trabalho."

No mesmo ano, nos Estados Unidos, na cidade de Baltimore, realiza-se um congresso operário. Nos EUA, nesta época, já havia mais de 6 milhões de operários.

Neste congresso, a decisão é a mesma que tinha sido tomada pela Internacional: greves em todas as fábricas até a conquista das 8 horas.

O texto do congresso de Baltimore:

"A primeira e grande necessidade do presente, para libertar o trabalho deste país da escravidão capitalista, é a promulgação de uma lei em que 8 horas devem constituir a jornada de trabalho normal em todos os Estados da União Norte-Americana"

Dois anos depois, o governo daquele país, aprovou uma lei que garantia 8 horas para algumas categorias de trabalhadores.

Mas esta lei nunca foi aplicada. Era só um enfeite para tentar acalmar a classe trabalhadora americana.

Redução da jornada: a primeira luta da classe operária

A classe operária nasceu por volta de 200 anos atrás. Podemos dizer que começou a existir em 1800. Claro que não foi no dia 1º de janeiro daquele ano. É só para termos uma idéia geral. Até 1750/1790 o trabalho nas cidades era feito em galpões com algumas dezenas de trabalhadores. Eram usadas ferramentas manuais e pequenas máquinas primitivas movidas

com a força das águas ou com os pés e mãos de homens e mulheres.

No final do século 18, nas vésperas de 1800, aconteceu o que ficou conhecido como a revolução industrial. Ou seja, entrou a máquina movida a vapor e isso permitiu a introdução de novas máquinas a cada dia. Foi a passagem gradual da manufatura para a indústria.



O pequeno barracão de poucos trabalhadores se transformou em imensas construções cheias de máquinas e de gente. Nascem os operários. Os que operam máquinas. As chaminés, de onde saía a fumaça do carvão queimado, que produzia o vapor e que movia as máquinas, são o símbolo desta revolução.

Esta revolução aconteceu na Europa e logo depois nos Estados Unidos. Toda a riqueza que estes países tinham roubado da América Latina e do resto do mundo foi usada

para investir em novas descobertas técnicas e na criação de imensos parques industriais.

E assim nasceram as fábricas...E assim nasceu a classe operária.

E qual era a condição de vida desses milhões de trabalhadores das fábricas?

A PIOR QUE PODEMOS IMAGINAR.

A classe operária demorou algumas décadas para criar suas primeiras associações e seus sindicatos para se defender.

Os patrões impunham suas leis.

Do começo da industrialização até por volta de 1850, podemos dizer que não havia nenhuma lei para a classe operária.

A filosofia política que dominava a cabeça da burguesia européia e americana era o liberalismo. Liberalismo, nos livros, significava liberdade total às forças produtivas: capital e trabalho. Na prática, significava liberdade aos patrões para poderem explorar os trabalhadores, sem limite nenhum.

A vida nas fábricas...

200 anos atrás



Quantas horas se trabalhava nestes tempos?

Resposta: quantas o patrão queria. E ele queria o máximo. Até os operários morrerem de cansaço. Eram 12, 15 e até 18 horas por dia. E isso era repetido durante 365 dias por ano... até a pessoa morrer de fome, cansaço e miséria.

No início da exploração capitalista, aos trabalhadores não eram permitidos direitos, apenas deveres. Deveres que custavam a saúde e a vida de milhões de homens, mulheres e crianças. Era o reino da sociedade burguesa. Uma sociedade organizada de acordo com os interesses dos donos das fábricas, lojas, armazéns, bancos, transportes e de tudo mais.

Os locais de trabalho eram terra de ninguém. Não existiam leis. O Estado não podia fazer leis que regulamentassem as

relações entre capital e trabalho. Era a filosofia política liberal a serviço do lucro do capital.

Depois da exploração na fábrica, o trabalhador enfrentava mais um martírio, agora em casa. Cansado, sujo e sem roupas para trocar, via a família passar todo tipo de necessidade, inclusive fome. E era esse trabalhador atormentado, cansado e ferido que voltava, no dia seguinte, para a fábrica. Ainda mais cansado e ferido na sua condição humana.

**E como a classe operária reagiu?
A classe operária começou a exigir
a redução das horas de trabalho.**



Em todos os países onde havia fábricas e oficinas, os operários organizaram revoltas exigindo a diminuição da jornada. Foram muitas greves, muitas revoltas e muita repressão por parte da polícia a serviço dos patrões.

■ Inglaterra: o primeiro país industrializado

A Inglaterra foi o país onde começou a industrialização. Ela tinha acumulado muito ouro, prata e produtos das Américas, durante três séculos. Muita pirataria, muitas chacinhas de povos inteiros e roubos de todo tipo tinham permitido uma grande acumulação de riquezas neste

país. Desta acumulação nasceu o país mais industrializado do mundo, naquela época.

O movimento operário inglês foi o primeiro a existir e a lutar. Aos poucos aumentou sua resistência.

Manifestações e comícios exigiam pão e menos horas de trabalho.

Mas não só...

As reivindicações já não eram somente pela redução da jornada. Os operários ingleses exigiam o direito ao voto universal secreto e vários direitos sociais, como escola gratuita para todos.

(Foi o chamado *Movimento Cartista* ... queriam uma Carta Constitucional)

Em 1842, no norte da Inglaterra, acontece a **primeira greve geral** da história. A principal exigência era a redução da jornada de trabalho.

Em 1847, o parlamento inglês aprova uma lei que estabelece o limite da jornada para o adulto em dez horas diárias.

A lei passa a vigorar no dia 1º de maio de 1848.

Nesta época, na Inglaterra, já havia mais de seis milhões de operários nas fábricas.

■ França: país campeão de revoluções

A França também era um país com uma forte industrialização. Em 1850, havia mais de quatro milhões e meio de operários.

No ano de 1840, uma greve de mais de cem mil operários agitou o país, sobretudo a capital, Paris.

A sua principal reivindicação era a jornada de trabalho de 10 horas diárias. A burguesia fez uma enorme gritaria. Jornais falavam em conspiração externa,

em agitadores. A história de sempre. Quando o trabalhador se mexe contra uma injustiça é agitador e baderneiro, mas o patrão que comete a injustiça é gente de bem.

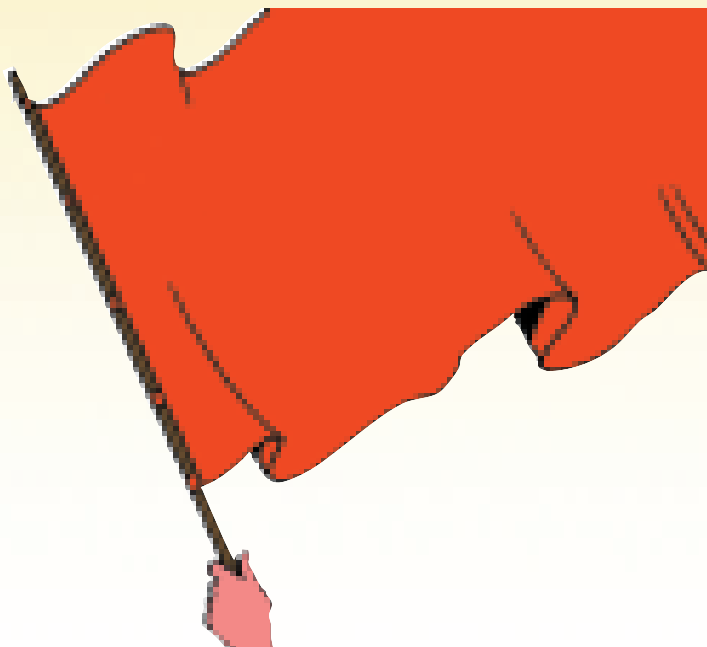
Em 1847, a França viveu um período de grande crise econômica. Faltava comida. As autoridades da época, vendo que a insatisfação crescia, proibiram as reuniões políticas que eram realizadas em praças públicas.

A proibição de uma dessas reuniões, em fevereiro de 1848, levou estudantes e operários franceses a levantarem barricadas pelas ruas da cidade.

Paris ficou totalmente ocupada pelo proletariado. A burguesia, sob pressão, decreta o fim da escravidão nas colônias e a redução da jornada de trabalho, na capital, para 10 horas.

A burguesia se aproveitou da disposição de luta do proletariado para derrubar a nobreza que tinha voltado ao poder. Precisava das mãos dos operários para derrotar o exército do Rei da França.

Logo depois, a burguesia vitoriosa eliminou as conquistas revolucionárias que tinham sido concedidas ao proletariado. Milhares de trabalhadores são fuzilados e tantos outros milhares são expulsos do país.



BANDEIRA VERMELHA - Os operários de Paris foram esmagados num verdadeiro banho de sangue.

Foi nesta ocasião que bandeiras ensangüentadas passaram a aparecer nas mãos dos trabalhadores. Este foi o começo da bandeira vermelha como símbolo da luta operária.

GOLPE - Em setembro de 1848, sob a batuta da burguesia vitoriosa, a jornada de trabalho volta a aumentar por determinação do novo governo.

Estados Unidos: as grandes lutas pelas 8 horas

No ano de 1866, a **Internacional (AIT) declarou as 8 horas como luta central dos operários**. No mesmo ano, os trabalhadores dos EUA decidiram que esta seria a sua batalha central. Na cidade de Baltimore, um congresso operário decide realizar greves em todas as fábricas até conquistar a vitória das 8 horas.

Anos depois, em 1881, também nos Estados Unidos, foi criada a central sindical Federação Americana do Trabalho, com a sigla AFL. Em 1884, a AFL realizou um congresso onde ficou decidida a realização de greve geral, em todo o país, em 1886, pelas 8 horas. Seria uma luta mais forte do que greves isoladas.

Por que foi marcado o dia 1º de maio? Sem nenhuma razão especial. Precisava mar-

car um dia e o 1º de maio foi escolhido. Naquele ano, 1886, seria um sábado.

Chega abril de 1886, após dois anos de preparação...

Em várias cidades americanas explodem greves isoladas muito reprimidas pela polícia.

Numa dessas greves, na cidade industrial de Milwaukee, próximo de Nova Iorque, a polícia ataca e mata nove grevistas.

O crime? Estavam exigindo 8 horas de trabalho.

Chegou o dia 1º de maio... O DIA DA GREVE GERAL

Na madrugada do dia 30, véspera do dia 1º, debaixo das portas das casas dos operários de Chicago, apareceu um panfleto que dizia:

**“A partir de hoje nenhum operário deve trabalhar mais de 8 horas por dia.
8 horas de trabalho, 8 de repouso e 8 de educação”.**

No país inteiro muitas fábricas ficam vazias. Milhares de trabalhadores fazem manifestações nos principais centros. Mas nem todo mundo parou no primeiro dia.

Decidiu-se fazer piquetes, segunda-feira de madrugada, em algumas fábricas onde os operários

ainda não tinham parado.

Neste dia, a polícia e os guardas da fábrica matam sete operários no piquete em frente à marcenaria Mc Cormick Harvester.

Os trabalhadores resolvem fazer uma manifestação de luto e de luta no dia seguinte.

Os mártires de Chicago

Na terça-feira, 4 de maio, grande comício de greve. Todos choram as dezenas de mortos e aclamam a decisão de continuar a greve até a conquista das 8 horas para todos.

No final do comício, com o pessoal começando a sair, chega a cavalaria que tenta se aproximar do palanque. De repente, misteriosamente, uma bomba explode no pelotão dos policiais. É a senha para eles começarem a atirar sobre os manifestantes.

Centenas de corpos caem no chão. São

dezenas de mortos e centenas de feridos.

Enquanto isso, a polícia cerca o palanque e prende todos os oradores.

Sete líderes sindicais, seguidores do anarquismo, são presos: August Spies, Sam Fielden, Oscar Neeb, Adolph Fischer, Michel Schwab, Louis Lingg e Georg Engel.

Nas semanas anteriores ao 1º de Maio, a imprensa burguesa atacava diariamente os operários. O jornal *Chicago Times* escreveu: "O melhor alimento que os grevistas podem ter é chumbo."

Estava claro o que a burguesia da cidade estava planejando para acabar com aquela greve.

Nos dias seguintes ao massacre da Praça do Mercado, os jornais de Chicago continuam atacando os grevistas. Eles são chamados de "terroristas vermelhos". Perseguições, demissões e todo tipo de ameaças são feitas contra os trabalhadores e suas famílias.

O julgamento dos líderes presos começa imediatamente. Deveria ser um julgamento rápido. Na verdade, a sentença já estava dada no momento em que foram presos. Todos foram julgados culpados em 9 de outubro de 1886.

Parsons, Engel, Fischer, Lingg e Spies são condenados à forca. Fielden e Schwab, à prisão perpétua. Neeb, a 15 anos de prisão. Era preciso dar uma lição nestes *terroristas* que exigiam a reivindicação criminosa de trabalhar só 8 horas por dia!

No dia 11 de novembro, Spies, Engel, Fischer e Parsons são enforcados. Lingg se suicidou, na véspera, deixando um bilhete onde reafirmava todas suas idéias e dizia

que se matava para não permitir que um carrasco a serviço da burguesia encostasse suas mãos imundas no seu corpo. Por isso, escolheu tirar sua própria vida.

As últimas palavras de Spies, antes do enforcamento, vão estar presentes em todas as lutas operárias do passado, do presente e, com certeza, do futuro:

"Adeus, o nosso silêncio será muito mais potente do que as vozes que vocês estrangulam".

**Spies Engel, Fischer e Parsons morrem gritando:
"VIVA A CLASSE OPERÁRIA! VIVA O ANARQUISMO!"**

As 8 horas se tornam a grande luta mundial

O 1º de maio de 1886 trouxe muitos mortos e feridos, mas não conquistou as 8 horas. Dois anos depois, em dezembro de 1888, a Federação Americana (AFL), junto com o movimento *Cavaleiros do Trabalho*, decide fazer nova luta em 1890. Ou seja, dali a dois anos.

A proposta era transformar esta data no dia de uma manifestação internacional dos trabalhadores.

Nos Estados Unidos se preparava a nova jornada de lutas, com greves, manifestações e barricadas, para o 1º de maio de 1890.

Em Paris, em 14 de julho de 1889, se reuniam, em congresso, os socialistas do mundo todo. Participaram mais de 300 delegados representando os partidos socialistas de vários países, como França, Bélgica, Inglaterra, Portugal, Espanha, Hungria, Itália, Noruega, Rússia, Áustria, Suíça, Alemanha e um país latino-americano, a Argentina. O partido socialista mais forte era o alemão. Quase todos os partidos socialistas se definiam como marxistas.

Deste congresso nascia uma nova Internacional, conhecida como “**A Interna-**

cional Socialista”. Mais tarde será apelidada por Lênin de **2ª Internacional**. Ela nasceu dos partidos socialistas que foram fundados em vários países da Europa e dos Estados Unidos, a partir de 1868. Entre eles, o que veio a ser o maior de todos, o Partido Social-Democrata Alemão (SPD).

A proposta da central sindical americana (AFL) chegou ao congresso de fundação da Internacional, em 1889. Os estadunidenses propunham a realização de uma grande greve pelas 8 horas no 1º de maio de 1890 e convidavam os delegados dos outros países a fazerem o mesmo.

A proposta foi aceita com muito entusiasmo. No dia 20 de julho, ao final do congresso, foi aprovada a seguinte conclamação:

“Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa, de maneira que em todos os países e cidades, ao mesmo tempo, os trabalhadores imponham aos poderes públicos a redução legal da jornada de trabalho para 8 horas e a aplicação das outras resoluções do Congresso Internacional de Paris.

Considerando que uma manifestação similar já havia sido marcada para o 1º de maio de 1890, pela Federação Americana do Trabalho, (...) tal data é adotada para a manifestação internacional.

Em 1890,

em todos os países onde havia movimento operário organizado, liderado pelos socialistas, aconteceram greves, manifestações, piquetes, barricadas e confrontos com a polícia. As manifestações foram reprimidas

pelas polícias dos vários países. Mesmo assim, aconteceram em toda a Europa, nos Estados Unidos, em dois países africanos e, na América Latina, no México, em Cuba e na Argentina.

E as 8 horas?

Precisarão ainda de uns 20 anos para serem conquistadas.

Em 1891...

a Internacional Socialista, no seu 2º Congresso, decreta que o 1º de Maio seja comemorado todo ano como Dia Internacional dos Trabalhadores.

A partir desta data, todo ano, no mundo, os trabalhadores concentrarão suas lutas pelas 8 horas e por melhores condições de vida e de trabalho, no 1º de Maio.

Pressão faz governador anular julgamento dos Mártires de Chicago

O julgamento dos líderes da greve de 1886 foi muito rápido. A burguesia queria livrar-se deles o quanto antes.

Uma condenação à morte nos Estados Unidos costuma demorar vários anos. Mas desta vez eles apressaram o julgamento que foi recheado de irregularidades. Entre elas, a compra de juizes e jurados.

O movimento operário americano denunciou a farsa e exigiu a anulação do julgamento que fora descaradamente armado. Foram criados comitês em muitas cidades dos EUA exigindo o reconhe-

cimento da inocência dos cinco condenados à morte e dos outros três condenados a várias penas.

Em 1892, o governo do Estado do Illinois anula o processo inteiro dos mártires de Chicago e ... declara todos inocentes.

Assim passados seis anos do julgamento-farsa, o governo burguês daquele estado americano cede: os mortos são absolvidos e Fielden, Schwab e Neeb, que estavam presos, são libertados. O governador acusou de infâmia o juiz, os jurados e as falsas testemunhas.

1900: o mundo começa a conquistar as 8 horas

Estamos em 1900...

A classe trabalhadora ainda não tinha conquistado as 8 horas em nenhum país.

Ainda em 1906, na França, os trabalhadores precisam fazer fortes campanhas

pela jornada de 8 horas. Os patrões e seus governos não queriam ceder de jeito nenhum. Eram constantes as greves, os jornais operários e os cartazes exigindo as 8 horas.



A mensagem é aquela decidida na Conferência de Genebra da 1ª Internacional: "8 horas de trabalho, 8 horas de lazer, 8 horas de repouso"

Capa da revista satírica "O Prato de Manteiga", publicada em Paris antes do 1º de Maio de 1906.

De 1914 a 1918, a Europa foi varrida pela chamada Grande Guerra. Foi a 1ª Guerra Mundial. Uma guerra entre os vários países imperialistas, para ver quem ficaria com mais fontes de mercadorias e mais mercados. Nesta

guerra, entre os vários países capitalistas do mundo, quem pagou o pato foi a classe trabalhadora. Milhões de mortos na Europa. A imensa maioria das vítimas era formada por operários – homens e mulheres.

Durante a Primeira Guerra, na Rússia, um dos países envolvidos no conflito mundial, estourou uma revolução que mudou completamente o quadro político do mundo.

Foi a Revolução Russa, liderada pelo Partido Social Democrata Russo, sob direção de sua ala revolucionária, os bolcheviques.

Os operários, os camponeses e os soldados proclamaram a vitória do novo país: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Era uma derrota total do sistema capitalista. Era a implantação de um novo regime, o socialismo, por alguns chamado de comunismo.



Essa revolução conquistou, num primeiro momento, o poder para os trabalhadores.

O sonho de uma vida melhor para os milhões de operários e camponeses poderia se tornar realidade.

Este fato deu um forte impulso às lutas dos trabalhadores no mundo inteiro. Os anos de 1918 a 1921 foram anos de tentativas de revoluções socialistas em muitos países europeus.

Em todos os países, os trabalhadores intensificavam as greves, manifestações, barricadas e exigiam o atendimento de suas antigas reivindicações.

Em 1918, acabou aquela que foi conhecida como a primeira Grande Guerra, ou 1ª Guerra Mundial.

Logo em seguida, todos os países envolvidos se reúnem em Paris e Versailles para estabelecer as condições da paz.

Uma das decisões deste Tratado foi a criação da Sociedade das Nações que deveria ser uma espécie de ONU dos nossos dias. Outra decisão foi que todos os países deveriam ter uma legislação trabalhista parecida. Para isto decidiu-se criar a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A OIT deveria estabelecer normas universais de funcionamento das relações entre capital e trabalho. Deveria exigir que nos países-membro se aplicassem leis trabalhistas parecidas.

Nesse sentido, a OIT a cada sessão anual, soltava suas orientações em documentos chamados de “Convenções”, cada uma com um número. São as chamadas *Convenções da OIT*.

Mas para que foi criada a OIT ?

Não foi porque os patrões e os vários governos capitalistas do mundo estavam com dó dos coitadinhos dos trabalhadores.

Foi por dois motivos muito simples.

1- O primeiro motivo porque estavam com medo que a mesma revolução feita pelos operários russos se espalhasse pelo mundo. Queriam impedir o avanço da revolução socialista. A OIT deveria ser um poderoso instrumento para combater a possibilidade de novas revoluções.

Tanto é que a nova Rússia, a URSS, não fazia parte da OIT e condenava a prática da OIT de semear a idéia de tripartite. Uma ilusão de unir capital e trabalho e uma mentira que apresentava os governos como uma terceira parte neutra.

2- O outro motivo pelo qual a OIT foi criada era a de garantir uma concorrência em iguais condições entre os países. Todos teriam leis parecidas e conseqüentemente custos do trabalho parecidos.

Na primeira reunião da OIT, em outubro de 1919, foi divulgada a Convenção N°1 que definia que todos os países adotassem a semana de 48 horas, ou seja, uma jornada de 8 horas.

Assim acabariam as lutas e as greves por esta reivindicação...

Pelo menos esse era o sonho das burguesias dos vários países.

Nas primeiras décadas do século 20, pouco a pouco, após quase cem anos de lutas para reduzir e fixar a jornada em 8 horas, quase todos os países regulamentarão a jornada e a fixarão em 8 horas.

■ A redução da jornada nos primeiros 70 anos da industrialização

- 1817 – Robert Owen, socialista utópico, introduz em suas fábricas experimentais, na Inglaterra, a jornada de 8 horas.
- 1827 – Greve dos carpinteiros de Filadélfia (EUA) pela redução da jornada.
- 1827 – Em Nova Iorque, acontecem as primeiras manifestações pelas 8 horas.
- 1833 – A Inglaterra fixa horário de trabalho entre 5h30 e 20h30, com intervalo de 1h30 para as refeições. Fica proibido o trabalho para menores de nove anos de idade.
- 1836 – Na França, dois anos de grandes lutas pela redução do horário.
- 1841 – Após greve que pára Paris (França), nova legislação limita em 8 diárias horas o trabalho de crianças de oito a 12 anos de idade e em 12 horas daquelas com idade entre 12 e 16 anos.
- 1847 – Trabalhadores da Inglaterra, da indústria têxtil, reduzem a jornada de 13 para 10 horas diárias.
- 1848 – Na França o trabalho dos adultos é limitado em 10 horas, em Paris, e em 11 horas, no interior. A lei, no entanto, é derrubada rapidamente pelos patrões, voltando à jornada de 12 horas.
 - Na Inglaterra, o horário de trabalho é reduzido para 10 horas para mulheres e crianças.
- 1850 – Jornada de 10 horas é derrubada pelos empresários, na Inglaterra.
 - Nasce, nos Estados Unidos, a “Liga das 8 Horas”
- 1861 – Na Inglaterra, a jornada volta a ser de 11 horas para mulheres e crianças.
- 1871 – A Comuna de Paris estabelece a jornada de 10 horas. Com o fim da Comuna, três meses depois, essa conquista será perdida.

■ A conquista das 8 horas em alguns países:

Ano	País	Observações
1868	Estados Unidos	Para funcionários do serviço federal
1908	Grã Bretanha	Para trabalhadores das minas
1909	Bélgica	Para trabalhadores das minas
1912	Estados Unidos	Para trabalhadores das estradas de ferro
1914-18	Europa	Durante a Guerra Mundial, em muitos países
1919	Grã-Bretanha	Todo trabalhador inglês já trabalhava 8 horas
1919	OIT	Na Conferência de Washington, a Convenção nº1 recomenda a todos os países as 8 horas
Pós-1920	Mundo	Quase todos os países implantam jornada de 8 horas
1932	BRASIL	Vargas decreta as 8h para os trabalhadores urbanos As leis trabalhistas ainda não existem para os rurais

As lutas do 1º de Maio e as 8 horas no Brasil

O Brasil chega à fase da industrialização com cem anos de diferença em relação aos países europeus. A escravidão em nosso país só acabou, oficialmente, em 1888. Acabou o regime de escravidão, não se fez a reforma agrária, e as conseqüências estão aí até hoje: milhões de miseráveis sem ter como viver, sem terra, sem teto, sem nada.

Com o fim da escravidão, os governos da época chamaram milhões de imigrantes do sul pobre da Europa. E assim, na última década do século 19 e na primeira do século 20, chegaram ao Brasil cinco milhões de italianos, espanhóis, portugueses, eslavos e, depois, japoneses e árabes. Nessas duas décadas começaram as primeiras indústrias em São Paulo, Rio, Recife e algumas outras poucas cidades.

A indústria cresceu devagar, quase tudo era importado da Europa ou dos Estados

Unidos. Em 1930 havia menos de 300 mil operários em todo o Brasil.

O Brasil, até os anos 1930, era um país agroexportador. Vivia, sobretudo, do café, açúcar, carne, couro; enfim, produtos primários.

Com a proclamação da República, o país continuou nas mãos dos mesmos latifundiários: os barões do café de São Paulo, os donos de gado de Minas Gerais, os donos de engenho e canaviais do Nordeste.

A filosofia política dominante era o liberalismo. Uma visão política que não admitia nenhum direito para os trabalhadores. As questões sociais e os problemas com os trabalhadores eram resolvidos nas patas dos cavalos.

Entre os trabalhadores a visão dominante era o anarquismo. Este defendia uma sociedade sem exploração e opressão. Uma sociedade libertária; ou seja, sem partidos, sem governo e sem autoridades.

Mesmo com uma classe operária pequena e jovem, logo estouraram as primeiras lutas. A influência dos operários imigrantes, de tendência anarquista, que já tinham tido algum contato com as fábricas em seus países, acelerou a politização da nossa classe operária. Entre os imigrantes havia uma pequena parcela muito politizada e disposta a lutar. Assim como tinha acontecido na Europa e

nos Estados Unidos, aqui também se lutou pela jornada de 8 horas.

Foi assim que logo no 1º de Maio de 1890, seguindo a orientação da Internacional, ativistas socialistas, em São Paulo, tentam criar um Partido Operário. Um dos itens do programa do partido dizia que uma das suas tarefas era **“Promover a fixação da jornada de 8 horas de trabalho”**.

Desde a primeira comemoração internacional do 1º de Maio, em 1890, até a primeira manifestação realizada no Brasil, passam-se cinco anos. Santos, grande cidade portuária, no litoral paulista, foi a sede da primeira comemoração do Dia Internacional do Trabalhador. Houve manifestação e se apresentou a reivindicação de 8 horas diárias. A iniciativa foi do Centro Socialista da cidade.

Cronologia da luta pelos 8 horas no Brasil

Vamos ver, ano a ano, as principais lutas da recente classe operária brasileira, realizadas no 1º de Maio para conquistar as 8 horas e outras reivindicações.

1887

- **Rio Grande do Sul.** Um ano após o Massacre de Chicago, a União Operária apresenta a peça “O 1º de Maio”.

1890

- **No Mundo.** O 1º de Maio é comemorado, seguindo a orientação da Internacional, com greves e manifestações.
- **São Paulo.** Em junho, ativistas tentam criar um Partido Operário. O segundo item do seu programa dizia:
“**Promover a fixação das 8 horas de trabalho**”

1891

- **São Paulo.** Sai um número único do jornal “1º de Maio”.
- **Pernambuco.** Um deputado estadual apresenta um projeto, que é rejeitado, de
“**reduzir a jornada a 8 horas no estado**”

1892

- **São Paulo.** Sai o número único do jornal “1º di Maggio”.
- **Rio de Janeiro.** Tentativa de criar um Partido Socialista. Um dos pontos do programa: 8 horas de trabalho

1894

- **São Paulo.** A polícia prende militantes anarquistas e socialistas que, em abril e maio, realizavam a 2ª Conferência dos Socialistas Brasileiros. Já tinham decidido:

Aprovar as resoluções da Internacional de comemorar o 1º de Maio em São Paulo

1895

- **Santos.** O Centro Socialista realiza a primeira comemoração do 1º de Maio no Brasil.
- **Rio de Janeiro.** Nova tentativa de criar um Partido Socialista. No seu programa consta:

“É considerado feriado o dia 1º de Maio por ser festa do proletariado”

1900

- **Santos/SP.** Um grupo de ativistas funda o Círculo Operário com o nome: "Sociedade 1º de Maio".

1901

- **São José do Rio Pardo/SP.** O Clube Internacional Filhos do Trabalho no 1º de Maio lança um manifesto escrito por Euclides da Cunha.

"A data do 1º de maio (...) é uma festa exclusivamente popular, ela se destina a preparar o advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletariado para a exata distribuição de justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece. Daí a abolição dos privilégios derivados quer da fortuna, quer da força".

- **Rio de Janeiro.** Em outubro, greve dos trabalhadores das pedreiras pelas 8 horas. A jornada passa de 12 para 10 horas.

1902

- **São Paulo.** Mais uma tentativa de se criar um Partido Socialista. No seu programa mínimo:

"Horário de, no máximo, 8 horas de trabalho"

1903

- **No Brasil inteiro.** Aumentam as greves pelas 8 horas.
- **Rio de Janeiro.** Têxteis conseguem 9 horas e meia. Várias profissões da construção civil reduzem a jornada.

1906

- **Rio de Janeiro.** A Federação Operária do Rio de Janeiro convida associações e sindicatos de vários estados e realizar um Congresso Operário. No Congresso, foram reafirmadas as teses do sindicalismo anarquista que era amplamente majoritário entre os operários imigrantes vindos da Europa. Este delibera que em todos os anos se comemore o 1º de Maio...



"...e que em 1º de Maio de 1907 se faça uma greve pelas 8 horas"

1906

- **Jundiaí.** Em maio, greve de duas semanas na Estrada de Ferro exige 8 horas de trabalho.

**A Força Pública intervém,
prende e fere centenas de trabalhadores.
Doze ferroviários são mortos.**

1907

- **São Paulo.** 1º de Maio – Manifestação operária na Praça da Sé
Ocupação policial da praça.
Dia 4/5 – Começa uma greve generalizada na capital
e cidades vizinhas.
Os motoristas do setor de construção civil chegam a um...

acordo final: 8 horas a partir de 1/71907

- **Rio de Janeiro.** Governo edita leis repressivas contra os trabalhadores.
**A principal, a lei Adolfo Gordo, autoriza a expulsão
de estrangeiros “agitadores”. Para os brasileiros,
será a deportação para regiões insalubres da Amazônia.**
- **Porto Alegre. Greve geral na cidade
conquista 9 horas para todos**

1908

- **Rio de Janeiro.** Uma greve de cinco dias paralisa a Companhia de Gás.
A cidade fica sem luz.
- **Rio de Janeiro.** Setores do governo e dos patrões querem
transformar o 1º de Maio em feriado para esvaziar
as lutas...
Anarquistas e socialistas lutam contra esta idéia

1916

- **São Paulo.** 1º de Maio contra a guerra. Manifestantes gritam suas
palavras de ordem.

**“Abaixo a guerra, queremos a paz”
“Paz entre nós, guerra aos senhores”**

E a música cantada pelos trabalhadores em todas as greves e
manifestações era **A Internacional**.

1917 _____

- **São Paulo.** Na greve de um mês, entre as várias exigências, 8 horas de trabalho.

1918 _____

- **Rio de Janeiro.** Debates na Câmara Federal sobre a jornada de trabalho.

1919 _____

- **Rio de Janeiro.** Mais de 60 mil grevistas no 1º de Maio...
Pelas 8 horas, ao som da Internacional.
As palavras de ordem são:

**"Viva a Revolução Soviética"
"Viva Lênin"**

- **Recife/Porto Alegre.** Barricadas, mortos, feridos, presos.
Os empresários aceitam as 8 horas...mas não as aplicam.
- **Salvador.** Em junho, greve geral pelas 8 horas.
O governador assina a Lei 1309, em 10/6/1919

**"8 horas para todos os estabelecimentos
industriais e oficinas pertencentes ao Estado"**

1923 _____

- **Rio de Janeiro.** Nas fábricas, os operários intensificam a campanha pelas 8 horas

1924 _____

- **Rio de Janeiro.** Governo edita um decreto:

**"É considerado feriado nacional
o 1º de Maio"**

mas... procura mudar o caráter do Dia do Trabalhador

**..."consagrando-se não mais a protestos subversivos,
mas à glorificação do trabalho ordeiro..."**

(Presidente Arthur Bernardes)

Feriado sim...

mas sem as 8 horas

mas, enquanto isso...

comunistas, socialistas e anarquistas continuam a fazer grandes comemorações de luta no 1º de Maio



1926 _____

- **Rio de Janeiro.** O Código de Menores estabelece a jornada de seis horas para os menores de 18 anos de idade.

1929 _____

- **Rio de Janeiro.** Grande 1º de Maio, com 20 mil pessoas, na Praça Mauá, sob a liderança do Partido Comunista.

1930 _____

- **Rio de Janeiro.** No 1º de Maio, os trabalhadores desafiam a proibição e tentam fazer um ato na Praça Mauá, dissolvido com violência e prisões.

1932 _____

Decreto de Getúlio Vargas regulamenta, só para os trabalhadores da cidade, a JORNADA DE 8 HORAS

1943 _____

- **Rio de Janeiro.** Vargas consolida a jornada de 8 horas com semana de 48 horas.

1988 _____

- **Brasília.** É promulgada a nova Constituição. Em seu artigo 8º, garante uma série de direitos dos trabalhadores, entre eles, a **jornada semanal de 44 horas.**

Os 1º de Maio de ontem, LIÇÕES PARA HOJE

1

1906-1907: o começo da industrialização

No 1º de Maio, a luta pelas 8 horas

Desde 1890, a classe operária, no mundo inteiro, fazia do 1º de Maio o dia internacional de luta dos trabalhadores.

No Brasil, pequenos grupos de operários socialistas, já naquele ano, começaram a falar desta data e da luta pela redução da jornada de trabalho.

A partir de 1895, em Santos, realizaram-se reuniões e pequenas manifestações para celebrar esta data.

Dez anos depois, no Rio de Janeiro, no começo de 1906, a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), convida sindicatos e organizações operárias do país para uma reunião nacional. Em 15 de abril, no Rio, capital federal e maior cidade da América Latina, com meio milhão de habitantes, iniciou-se o 1º Congresso Operário Brasileiro. Uns 50 operários se reuniram para organizar suas lutas.

Decidem criar uma confederação Nacional, a COB, e seu jornal quinzenal, a **Voz do Trabalhador**. Por decisão unânime, a luta central da recém-criada COB deveria ser a conquista das 8 horas.

Para isso, a data comum da luta estava marcada: 1º de Maio do ano seguinte. Um

dia que fosse “um protesto de oprimidos e explorados”. E o Congresso decide “incentivar as organizações (...) para que o operariado do Brasil no dia 1º de Maio de 1907 imponha as 8 horas de trabalho”.

Durante aquele ano de 1906, acontecem várias greves pelas 8 horas. Quase todos os setores da construção civil do Rio de Janeiro param e conquistam, pelo menos, momentaneamente, as 8 horas.

Os ferroviários de Jundiaí, a 50km de São Paulo, fazem uma greve que termina com vários mortos e feridos e a promessa das 8 horas em 1º de Maio de 1907. Em Porto Alegre, em setembro, há uma greve de várias categorias. Conseguem 9 horas de trabalho em todas as fábricas.

Em São Paulo, com quase 300 mil habitantes, a polícia ocupa a Praça da Sé e ruas próximas para impedir o 1º de Maio. A manifestação não acontece, mas, dias depois, trabalhadores param as fábricas da capital e de várias cidades do interior. Prisões e espancamentos de grevistas, como de costume. Muitos estrangeiros são expulsos do país como “agitadores”.

Vários setores da construção civil, após quase um mês de greve, conseguem as 8 horas.

Claro que foi só no papel, para acabar a greve. O governo, logo em seguida, faz aprovar uma lei que reconhece o direito da existência dos sindicatos e associações cooperativas.

A luta pelas 8 horas continuará em todos os 1º de Maio seguintes.

2

1940-1945: A disputa pelo rádio e nos estádios

Vargas tenta seqüestrar o 1º de Maio

Em 1º de Maio de 1940, Getúlio Vargas, no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, decreta o salário mínimo.

A reivindicação era antiga. Desde 1900, em Paris, o Congresso da Internacional Socialista tinha recomendado que todos os Partidos Socialistas assumissem esta reivin-

dicação junto com um maior esforço na luta pelas 8 horas diárias.

Vargas continua o que vinha fazendo desde que tomou o poder, em 1930: moderniza o país com a criação de condições para o desenvolvimento industrial e da legislação trabalhista.

O objetivo central desta legislação era controlar a luta de classes e fazer esquecer as três décadas de greve, manifestações e resistência operária.

Tudo precisava aparecer como algo dado, uma dádiva do "pai-governo". As leis seriam benefícios outorgados por um governo que estaria acima dos interesses das classes. Para isso, nada melhor do que "doar" a lei do salário mínimo exatamente no dia 1º de Maio.

Esquecer o 1º de Maio de luta.

A partir do golpe de 1937, Vargas impõe sua ditadura com dois instrumentos fundamentais: O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o papel de disputar a hegemonia entre os trabalhadores por intermédio de um poderosíssimo instrumento criado para esse fim, a *Hora do Brasil*; e filmes, jornais, revistas e festas.

Se Getúlio não conseguisse, por meio de todos aqueles instrumentos de propaganda, fazer a cabeça dos trabalhadores via DIP, mandaria o Departamento de Ordem Política e Social – DOPS rachar suas cabeças para enfiar nelas suas idéias.

Ou fazer cabeças ou rachar cabeças. É assim que a burguesia disputa as cabeças.

Foi assim que Vargas enche as prisões de presos políticos. Com vinte mil comunistas, anarquistas e socialistas presos, Getúlio tem campo livre para disputar a

cabeça dos trabalhadores.

Em 1º de Maio de 1942, Getúlio inaugura a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Nesse dia, ele lança dois grandes movimentos: a "batalha da produção" e a campanha de sindicalização, com o seguinte lema: "Trabalhador organizado é trabalhador disciplinado".

Novo 1º de Maio em 1943. De novo, Getúlio, no Estádio de São Januário, inicia seu discurso com o seu famoso "*Trabalhadores do Brasiiiiiviiiiilll*". E aí, dezenas de milhares de trabalhadores desfilam com seus macacões e enormes fotos do Getúlio. No meio de vivas ao 1º de Maio e com os novos operários da CSN cantando marchinhas para Getúlio, o presidente lhes entrega a CLT.

É o 1º de Maio do governo. **O contrário do que os lutadores operários do começo do século XX sempre repetiram: "Um 1º de Maio sem governo e sem patrões".**

Mas a II Guerra estava chegando ao fim. No Brasil, começa um movimento pela democratização do País. **Em abril de 1945 virá a anistia** aos presos políticos e a legalização do PCB.

O 1º de Maio de 1946 será diferente.

3

1968: o Dia dos Trabalhadores pertence aos trabalhadores

Ditadura tenta enganar o povo

Em 1968, os brasileiros entravam no quarto ano de ditadura...

Crescia o arrocho salarial, a recessão e o desemprego. Nos sindicatos reinavam os pelegos, muitos deles antigos interventores,

nomeados pelos “milicos”. A pelegada sentia a insatisfação de suas categorias e imaginava formas de simular alguma resistência.

Em São Paulo, surge o Movimento Intersindical Antiarrocho-MIA

Lá terá maior força que no resto do País. Por trás dessa sigla estavam conhecidos pelegos, interventores militares e alguns pedaços da esquerda tradicional. Contudo, os grupos or-

ganizados de oposição sindical, junto com os nascentes movimentos de bairro, que ainda conseguiam sobreviver à perseguição, tentavam furar essa manobra.

Na capital paulista, nas comemorações do 1º de Maio...

o governador da ditadura, Abreu Sodré, juntou-se aos pelegos para uma manifestação que mostrasse um leve descontentamento bem comportado na Praça da Sé, centro tradicional das manifestações do 1º de Maio.

Pelo menos era isso que eles esperavam. Não contavam com os sindicalistas de oposição, com os grupos organizados do movimento estudantil, que se opunham à ditadura, e com movimento de bairro e de periferia.

Operários e estudantes incendiam o palanque

Mal começou a farsa, vaias, agitação e pedradas no palanque obrigaram os pelegos e o governador a saírem correndo. Sodré recebeu uma pedra na cabeça e foi flagrado saindo de gatinhos, para não levar mais pedradas.

Enquanto a comitiva se refugiava na Catedral da Sé, o palanque foi queimado e uma passeata desceu a Rua XV de Novembro

até a Avenida Ipiranga. Lá, na famosa esquina com a Avenida São João, as vidraças da agência do Citibank, banco visto como um dos maiores símbolos do imperialismo americano, foram apedrejadas.

É claro que a direita e sua fiel imprensa consideraram esse ato uma atitude lamentável, uma provocação, uma falta de civilidade política.

Na verdade, o desfecho do 1º de Maio de São Paulo recolocava a velha disputa de hegemonia com a classe patronal e seu governo. De quem é o 1º de Maio?

E quem tem que ter a palavra nesse dia?

É um dia em que os senhores reconhecem a existência dos escravos e lhes distribuem biscoitos, prêmios e, hoje, automóveis?

Ou é um dia em que a classe trabalhadora reconhece sua própria identidade e sua oposição, enquanto classe, aos exploradores?

Mas esse era apenas o começo de um ano quente

O 1º de Maio foi, naquele ano, um primeiro grito de independência ideológica e política da nova classe trabalhadora que entrava em cena após 1964.

Dois meses depois, o ministro do Trabalho, coronel Jarbas Passarinho, que também queria posar de moderno e conciliador, seria obrigado a engolir uma dura greve, em Osasco, periferia de São Paulo.

Numa greve que tinha acabado poucos dias antes do 1º de Maio, em Contagem, perto de Belo Horizonte, o ministro tentou enrolar os metalúrgicos mineiros e concedeu um abono salarial de 10%.

Com as pedradas de São Paulo caía rapidamente a máscara da ditadura. A partir daí os militares endureceram o jogo.

Quebraram imediatamente a greve de Osasco, em julho, e passaram a reprimir mais violentamente as passeatas antiditadura.

No ano de 1968 haveria sete mortos nas manifestações nas ruas e praças do País.

Em 13 de dezembro, a ditadura daria um golpe dentro do golpe: o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Durante 10 anos qualquer manifestação será violentamente reprimida.

A partir daí, o 1º de Maio só voltaria à praça pública em 1977, em Osasco, cidade operária ao lado de São Paulo.

4**1980: 1º de Maio em São Bernardo****Debaixo dos helicópteros nasce a CUT**

A CUT foi fundada em 1983. Mas de fato ela já estava sendo gestada naquele 1º de Maio de 1980, no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo.

A ditadura estava desgastada, mas não morta. João Figueiredo deixava seus generais ocuparem Brasília e seus serviços especiais explodirem bombas no Riocentro.

O 1º de Maio daquele ano seria diferente dos outros anos de ditadura. Desde

1977 ocorreram tímidos ensaios para comemorar o Dia dos Trabalhadores em praça pública.

Em Osasco, periferia de São Paulo, no mesmo ano, foi armado o primeiro palanque de 1º de Maio pós-1968.

Em 1979, o 1º de Maio começa a voltar à cena

As greves tinham explodido com vigor no setor metalúrgico de São Bernardo do Campo e de São Paulo.

Nesse anos são realizadas mais de 430 greves com três milhões de grevistas.

A repressão foi dura. Sete operários urbanos foram mortos em piquetes. No campo, latifúndio e governo continuam a tradicional chacina de lideranças para impedir a Reforma Agrária.

Em 1980, acontece a segunda grande greve de São Bernardo

O movimento engrossará uma longa lista de greves, na data do reajuste da categoria. Os metalúrgicos estavam em greve desde o mês de abril. Uma greve pesada, com

cassação e prisão da diretoria sindical e líderes operários. Lula estava na prisão e os trabalhadores estavam decidindo fazer o 1º de Maio em São Bernardo.

E assim, no dia, milhares de trabalhadores e lutadores do povo, da cidade e do campo, de todos os Estados do país confluíram para o grande 1º de Maio de São Bernardo.

A ditadura não queria admitir o desafio desta manifestação.

As rádios aterrorizam a população.

São Bernardo se torna uma praça de guerra com mais de cinco mil agentes da repressão.

Os manifestantes se concentram na catedral e ruas adjacentes.

A dúvida era: sair ou não sair em passeata. Vários deputados e até um senador estavam presentes para evitar um desastre.

No final, a passeata ocupa a rua

principal de São Bernardo, passa pelo Paço Municipal e continua rumo ao estádio de Vila Euclides. A polícia bate em retirada pouco a pouco.

Cem mil manifestantes ocupam as ruas da cidade.

O Brasil no estádio de Vila Euclides. Gente da cidade, do campo, de todos os Estados.

De Pernambuco, os companheiros trazem dois sacos de dinheiro amassado, notas pequenas recolhidas na periferia para ajudar o Fundo de Greve. Do Pará, chega gente que

enfrentou uma viagem de oito dias: barco, caminhão, ônibus. Gaúchos vêm com suas bombachas e piauienses com seus chapéus de couro.

As faixas estendidas no estádio dizem tudo:

“Viva o 1º de Maio”. “O Sindicato é você”

“Fim da intervenção”

“Autonomia e liberdade sindical”

“Trabalhador unido jamais será vencido”

“A greve continua”

Mas, nem todo mundo estava lá. Uma parte do movimento sindical brasileiro se recusara a ir para São Bernardo. Discordava de quase tudo: da tática à estratégia. Esse grupo, anos depois, funda a CGT.

A maioria dos lutadores do povo participa do 1º de Maio de 1980. Uma imagem forte: eles acenam suas bandeirinhas do Brasil para os helicópteros do Exército ou da Polícia Militar que sobrevoam sobre 100 mil cabeças.

Lula também não está lá. Junto com mais de 50 companheiros, Lula está nas pri-

sões da ditadura. Sua presença é fortíssima entre aqueles milhares de trabalhadores. Naquele dia se tornará uma liderança nacional.

Podemos dizer que ali nascia a CUT. Uma Central surge das lutas e da disposição de enfrentar governo e patrões. Uma Central que nasce contra a lei para criar uma outra lei. Nos seus estatutos, em 1983, a nova Central escreve a sua marca mais importante: uma Central que deve lutar pelos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores. Por uma sociedade socialista.

Este é o desafio e o programa daquele instrumento de organização dos trabalhadores que estava sendo gestado naquele 1º de Maio de 1980.



5

1998: Força Sindical envergonha o Dia do Trabalhador

A negação do 1º de Maio com sorteios e patrocínios dos patrões

A partir do 1º de Maio de 1998, o Brasil assiste à tentativa de uma central sindical, criada em 1991 pelo Governo Collor e pelos patrões, de acabar com o 1º de Maio de luta.

Os empresários começam a financiar shows, festas e sorteios para tentar apagar da história os mais de cem anos de lutas e conquistas da classe operária do mundo.

Na disputa para se legitimar e mostrar que representa os trabalhadores e não os patrões, a Força Sindical faz qualquer coisa. Em 1998, ela quer levar os trabalhadores, que dizia representar, a aceitar o plano do FMI e do Governo Fernando Henrique de acabar com qualquer direito trabalhista.

Justamente naquele momento, os patrões passam a financiar festas no 1º de

Maio para tapar o sol com a peneira.

Para esquecer que mais de cem trabalhadores morreram fuzilados, no distante ano de 1886, em Chicago (EUA). Esquecer os cinco líderes condenados à força. Esquecer que o 1º de Maio é consagrado à luta internacional pela conquista de direitos e sua fixação em lei, e, principalmente, pela redução da jornada de trabalho.

No Dia dos Trabalhadores, a Força começa a reunir multidões para legitimar sua ação na destruição das 8 horas e de outras conquistas.

Para encobrir essa traição e dar-lhe legitimidade, era necessário uma manifestação de um milhão de pessoas.

A Força passa a reunir, num crescendo de ano a ano, seiscentos mil, novecentos mil, um milhão e meio de pessoas nessas festas. A tática imediata era fazê-las levantar a mão quando seus chefes perguntassem: “Quem é a favor da geração de trabalho para todo mundo?” E logo em seguida mais uma pergunta: “Quem

é a favor de modernização das leis trabalhistas para gerar emprego para todo mundo?” A resposta vem como está programado: unanimidade a favor da flexibilização que a Força estava propondo, há tempos. Modernização que significa flexibilização, que significa retirada pura e simples de “antigos” direitos.



O bilhete da vergonha

O expediente para atrair até dois milhões de pessoas, em 2002, foi logo achado: sortear carros, geladeiras, motos, liquidificadores. Em 1998, foram cinco carros. Em 1999, dez. Em 2000, até apartamentos mobiliados são sorteados. Nos anos seguintes os prêmios aumentam. E o

povo vem sem saber absolutamente porque, mas participa. Ou melhor, sabe exatamente porque está lá: para ganhar prêmios.

Nada a ver com o verdadeiro 1º de Maio de luta e mortes pelas 8 horas e pelos direitos dos trabalhadores. Um 1º de Maio para lutar e conquistar mais direitos.

**A Força Sindical precisava de mais gente.
A Central dos patrões
passa a se vangloriar nos jornais
que está fazendo
“o maior 1º de Maio do mundo”**

Enquanto a Força faz sorteios e shows em São Paulo, a Social Democracia Sindical (SDS), central sindical que rachou com a Força, mas continua sua filha legítima, faz seu show no Rio de Janeiro. Ela afirma que inovou ao inventar um tal “Mutirão da Cidadania”. Nome dado à enorme fila de desempregados que eram cadastrados, para um possível emprego no futuro, no estande

da Central. Mas a maior inovação nesse “Mutirão da Cidadania” são os vários serviços que a SDS, junto com o Ministério do Trabalho, oferece ao povo. São montados barracões para tudo: tirar carteira de trabalho, medir pressão arterial, ensinar a escovar os dentes e, numa barraca especial, cortar os cabelos. Tudo grátis, dizia o panfleto da Central, filha da Força.

**Certamente, os mártires do 1º de Maio de Chicago
deviam estar se remexendo
nos seus túmulos.**

Até os jornalões da imprensa burguesa estranham esse “carnaval” fora de época que nada tinha a ver com os 1º de Maio de

luta que durante mais de cem anos foram organizados no Brasil. Em 2000, o conservador *O Estado de S. Paulo* noticia o show-sorteio:

Público de 900 mil pessoas estava mais interessado nos shows e sorteios

Gritos de fãs substituem palavras de ordem durante comemorações

O Estado de S. Paulo
02-05-2000

O jornal conservador assim descreve aquele 1º de Maio:

“Nada de discursos ideológicos ou protestos contra a política econômica do governo. A maioria absoluta das cerca de 900 mil pessoas presentes ao show promovido pela Força Sindical ontem, na Praça Campo de Bagatelle, zona norte de São Paulo, queria apenas ouvir seus cantores favoritos e

concorrer aos prêmios oferecidos pela central sindical. Tradicionais slogans, como “o povo unido jamais será vencido”, deram lugar a gritos histéricos desferidos por adolescentes fanáticas por pagode e música sertaneja”.

(OESP, 2/5/2000)

A festa da Força realmente bombou. São sorteados dez Corsas novos e cinco apartamentos avaliados em quarenta mil reais cada. São oferecidos muitos serviços: exames de pressão, diabetes, obesidade, audiometria, glaucoma e muito mais. Uma equipe de 100 cabeleireiros atende gratuitamente os trabalhadores. E mais, na

Estação Documentos, é possível tirar fotos para documentos de RG, carteira profissional e certidões de nascimento e casamento. Tudo grátis.

Novo maio em 2001. Novo show-sorteio da Força, em São Paulo. A *Folha de São Paulo*, no dia 2, informa ao Brasil sobre aquele fenômeno com o título:

Força atrai 1,5 milhão atrás de apartamento, carros, pagodeiros e de cantores sertanejos

FOLHA DE S. PAULO
2 DE MAIO DE 2001

Patrão banca festa de R\$ 1,8 mi da Força

A segunda manchete diz tudo: **“Patrão banca a festa de 1º de Maio da Força”**.

Não precisa dizer que no palanque da manifestação da outra Central, a CUT, a campanha é exatamente ao contrário. Com um palanque sem ministro e sem sorteio de carros zero km, para um público bem menor, a direção da CUT explica os prejuízos que os trabalhadores vão ter se aceitarem os planos neoliberais do Governo Fernando Henrique Cardoso.

O Dia do Trabalhador de 2002 foi a repetição, ampliada, de 2001. O mesmo “maior 1º de Maio do mundo”. Show, sorteios e exames médicos. O *Globo* foi explícito ao declarar quais os objetivos do show: apoiar o fim da CLT, que o Império dos Marinho também apóia: **“Música, brindes e discursos no Dia do Trabalho. Festa da Força Sindical atrai 1,5 milhão de pessoas para apoiar mudança na CLT”**. (*O Globo* 2/05/2002)

Os milhares de operários do mundo inteiro que morreram, foram presos, torturados ou perseguidos devido à luta pelos direitos dos trabalhadores ou em manifestações do 1º Maio, certamente devem estar se revoltando nos seus túmulos.

Anexo 1

A origem do hino *A Internacional*

Fonte: “*Florilége de la Chanson Revolutionaire*” (1995)

O poema que deu origem ao hino *A Internacional* foi escrito em junho de 1871, por um lutador sobrevivente da Comuna de Paris, Eugéne Pottier.

Em 1887, ele publicou uma coletânea de seus poemas, entre os quais estava *A Internacional*. Pottier conta que compôs a

poesia em junho de 1871, pouco depois da derrota da Comuna, mas só a publicou pela primeira vez naquela coletânea.

A música será composta por um belga de nome Pierre Degeyter, para um coral operário da cidade de Lille, norte da França.

***A Internacional* começa a ser cantada por grupos de operários socialistas e anarquistas a partir do começo da década de 1890.**

Em 1896, no 14º Congresso do Partido Operário Francês, *A Internacional* é tocada e cantada pelos delegados.

Em 8 de dezembro de 1899, várias tendências presentes no fechamento do Congresso

Operário Unitário, em Paris, cantam o hino.

Em setembro de 1900, durante o 5º Congresso da Internacional Socialista, *A Internacional* é cantada por todos os delegados presentes.

Em 1910, no Congresso da 2ª Internacional, em Copenhague (Dinamarca), o hino será tocado e cantado por uma orquestra e um coral de 500 pessoas. É assim que *A Internacional* será consagrada como o hino internacional dos trabalhadores.

Em 1917, explode a Revolução Russa. Cria-se um governo de operários e camponeses.

A velha Rússia passa a se chamar União das Repúblicas So-

cialistas Soviéticas (URSS).

A cor da bandeira russa passa a ser vermelha, com os símbolos do trabalho no campo e na cidade: a foice e o martelo.

Junto com a bandeira muda o hino nacional. O novo hino nacional passa a ser... *A INTERNACIONAL*.

(*A Internacional* deixou de ser o hino da União Soviética, em 1944)

Anexo 2

O hino *A Internacional* no Brasil

Já em 1º de Maio de 1906,
A Internacional é cantada
numa manifestação em São Paulo.

O mesmo se repetiu no 1º de Maio de 1907, quando começa uma greve, que durará quase um mês, pelas 8 horas e por aumento de salário.

Na mais célebre dessas greves, a Greve Geral de São Paulo, em julho de 1917, o hino será cantado entre vivas a Lênin e à Revolução Russa.

Durante a década de 1920, em todos os 1º de Maio, anarquistas e comunistas, uns com bandeiras negras, outros com bandeiras vermelhas, cantam *a Internacional*. Assim vai ser até a ditadura de Getúlio Vargas, que impõe o silêncio da repressão, em 1937.

Após a 2ª Guerra Mundial, os comunistas voltam, vitoriosos, com suas bandeiras vermelhas e seu hino.

É assim até que, novamente, o golpe

militar de 1964 proíbe a presença de nossas bandeiras e o canto do nosso hino. Mas, no final da década de 1970, a noite da Ditadura estava chegando ao fim.

No começo dos anos 80, junto com a explosão das greves e o aparecimento em público das organizações e partidos de esquerda, *A Internacional* e as bandeiras vermelhas voltam às mãos de milhares e milhares de trabalhadores do PT, PCB, PCdoB, PSTU e P-SOL.

No Congresso de fundação da CUT, em 1983, a bandeira escolhida é a vermelha. No 7º Congresso da CUT, realizado em agosto de 2000, já às vésperas do século 21, *A Internacional* é cantada em várias ocasiões.

Se encerrava o século 20, o século do *Quarto Estado*. O século da entrada em cena da classe trabalhadora que lutou durante 100 anos com a mesma trilha sonora: *A Internacional*.